

CONVITE

VERNISSAGE DA PRIMEIRA MOSTRA COLETIVA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA ZAGUT EM 2025
VERNISSAGE DA PRIMEIRA MOSTRA COLETIVA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA ZAGUT EM 2025

VERÃO

**+
ODS**

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

INAUGURAÇÃO:

SÁBADO 18.JAN.2025 | 16-19h

FINISSAGE: 13.FEV.2025

SIQUEIRA CAMPOS, 43/725

COPACABANA, RIO.

ZAGUT

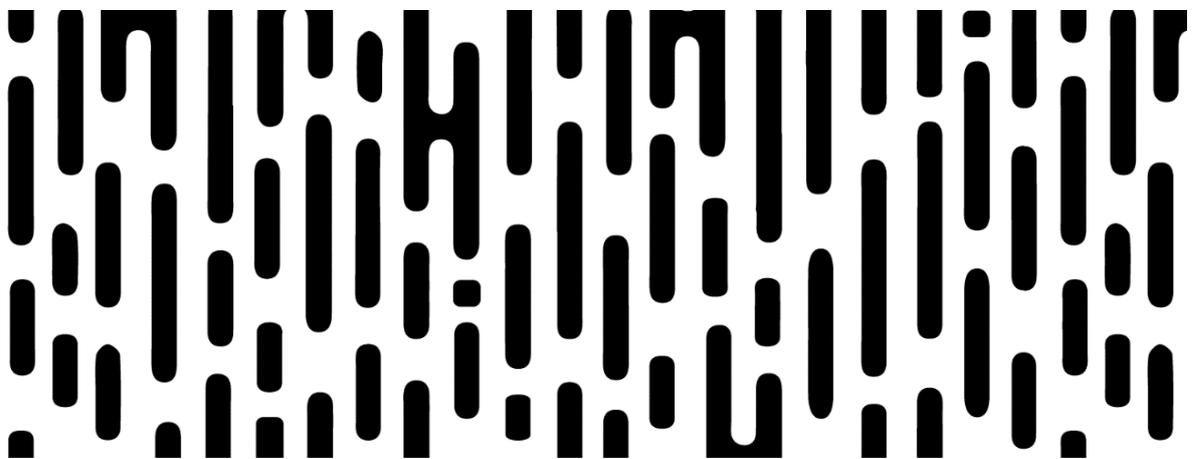
ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Imagem da capa: Tchello d'Barros

Arquitetura da montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff



Reflexão e Ação para uma Vida Decente

Objetivos de desenvolvimento sustentável – Objetivos Globais

...sem transformar as pessoas em coisas
...para uma vida decente
Ruben Mattos

Um acordo entre os países que compõem as Nações Unidas, dentre eles o Brasil, sem deixar nenhuma nação de fora, ocorrido em 2015, consta de 17 objetivos que se conectam entre si, a serem atingidos até 2030 (Agenda 2030) no combate à pobreza e fome, na proteção ao meio ambiente e na garantia de paz e prosperidade, incluindo discriminação de gênero, de forma a que a balança entre o social, o econômico e o ambiental seja atingida, construindo um futuro melhor para o mundo.

Os objetivos são:

- 1 - Erradicação da pobreza**
- 2 - Fome Zero**
- 3 - Saúde e Bem-Estar**
- 4 - Educação de Qualidade**
- 5 - Igualdade de Gênero**
- 6 - Água potável e saneamento**
- 7 - Energia limpa e acessível**
- 8 - Trabalho Decente e Crescimento Econômico**
- 9 - Indústria, Inovação e Infraestrutura**
- 10 - Redução das Desigualdades**
- 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis**
- 12 - Consumo e Produção Responsáveis**
- 13 - Ação Climática**
- 14 - Vida na Água**
- 15 - Vida Terrestre**
- 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes**
- 17 - Parcerias e Meios de Implementação**

Houve uma queda muito expressiva do número de pobres comparando 1990 e 2015, de metade. Mas aproximadamente 10% da população (80% estão no sul da Ásia e África Subsaariana) ainda se encontra em um patamar financeiro de menos de 1,9 dólares por dia, com diferenças de gênero nessa proporção.

Na desnutrição também avanços importantes ocorreram, sendo a metade do que há duas décadas. Mas ainda são quase 1 bilhão de pessoas desnutridas no globo.

Apesar do exponencial aumento na expectativa de vida (mas com diferenças de até três décadas entre nações ricas e pobres) e quedas drásticas

em taxas de mortalidade, o sonho de uma cobertura universal de saúde, disponível para todos, ainda é uma distante realidade. No Brasil, a constituição cidadã de forma muito inovadora colocou esse direito como uma cláusula pétrea, mas ainda há bastante desigualdade de acordo com a realidade financeira das pessoas, incluindo a inacreditável diferença de expectativa de vida de acordo com a raça.

Também na educação os indicadores são animadores, mas distantes do ideal: se as crianças matriculadas chegam a 91% delas na educação primária, índices nunca vistos de alfabetização, mas a frequência à escola é 4 vezes maior para ricos do que para pobres, assim como ocorre com moradores de centros urbanos e do interior dos países; 25% das meninas estão fora da escola em países em desenvolvimento. O objetivo foca no fundamental e médio gratuitos até 2030 para todos.

A igualdade de gêneros não é só uma questão de justiça, mas também de crescimento e desenvolvimento da sociedade. Na área de frequência à escola e no mercado de trabalho vem ocorrendo importante avanço, mas com grandes desigualdades em relação a melhores cargos, salários, trabalho doméstico, proprietárias (só 13% dos proprietários agrícolas são mulheres). A cada dólar que um homem recebe por um trabalho, a mulher receberá 77 centavos. Violência, exploração sexual, ainda são frequentes globalmente, tendo ocorrido com 35% das mulheres. Além das discriminações, violência, práticas nocivas (casamento precoce, mutilação genital). Pelo compartilhamento de tarefas, de oportunidades, de acesso à saúde, financeiras (inclusive heranças) e empoderamento!

Em relação à água potável, as notícias não são tão animadoras: 40% da população atual vive com escassez e vai piorar com as mudanças climáticas. Bilhões de pessoas não têm saneamento básico.

O acesso à eletricidade passou de 78 para 90% das pessoas em duas décadas (metade dos 10% sem acesso estão na África), mas às custas de energia de combustíveis fósseis e não de energias limpas, causando 73% das emissões de gases de efeito estufa.

A classe média praticamente triplicou em países em desenvolvimento, mas ainda são milhões de indivíduos sem empregos. É por incrível que possa parecer, ainda são presentes trabalho forçado, escravidão, trabalho infantil (inclusive de crianças-soldados) e tráfico de pessoas. Quase um bilhão de trabalhadores vivem com menos de 3,20 dólares por dia. Espera-se que até 2030 todos (incluindo jovens, migrantes, portadores de deficiência) tenham trabalho decente, de forma sustentável.

Se 4 bilhões de indivíduos não têm acesso à internet, se conclui que a inovação está longe de estar globalizada.

A desigualdade de renda está aumentando – os 10% mais ricos detêm até 40% da renda global, enquanto os 10% mais pobres ganham apenas entre 2% e 7%. Se levarmos em conta a desigualdade do crescimento populacional nos países em desenvolvimento, a desigualdade aumentou 11%.

A desigualdade de renda aumentou em quase todos os lugares nas últimas décadas, mas em velocidades diferentes. O aumento foi menor na Europa e maior no Oriente Médio.

Essas disparidades cada vez maiores exigem políticas sólidas para capacitar as pessoas de baixa renda e promover a inclusão econômica de todos, independentemente de sexo, raça ou etnia.

A desigualdade de renda requer soluções globais. Isso envolve melhorar a regulação e o monitoramento dos mercados e instituições financeiras, incentivando a assistência ao desenvolvimento e o investimento estrangeiro direto nas regiões onde há maior necessidade. Facilitar a migração segura e a mobilidade das pessoas também é fundamental para reduzir o fosso que se torna cada vez maior.

A população urbana vem crescendo, na atualidade metade da raça vive em uma cidade (3% da superfície, que consome 70% da energia e emite 70% das emissões de CO₂) e em mais um quarto de século, viverão 2/3 das pessoas em cidades. São necessárias oportunidades de trabalho, moradia, transporte, espaços comunitários, para que as cidades sejam consideradas sustentáveis, com gestão do ar, de resíduos e das comunidades chamadas de “favelas”.

O consumo consciente é crucial para o desenvolvimento. A agricultura consome 70% do gasto de água doce. Ao se modificar a floresta em cultivo se gasta 22% das emissões de carbono. O desperdício de alimentos fica na casa de mais de um bilhão de toneladas por ano. São muitos os malnutridos, assim como bilhões são obesos.

A mudança climática é um objetivo crucial, do qual a humanidade depende para se perpetuar. Hoje se emite 50% a mais de gases que geram o efeito estufa do que na década de 90. Mais de 90% dos desastres ambientais são relacionados a essa mudança, tendo matado mais de um milhão de pessoas nas últimas duas décadas e deixado mais de 4 bilhões de feridos. Nações mais ricas vêm apoiando financeiramente as mais pobres, que têm sido mais prejudicadas nos desastres, por não terem condições de defesa, até porque estão todos juntos evitando que se aumente a temperatura global em 2°C acima dos níveis de 1940, pré-industriais, quando começou a serem monitorados.

Oceanos subiram 20 cm desde 1880, e se prevê que subirão mais 30 cm ou até mais de um metro em 75 anos. Se espera conseguir a neutralidade de emissões em 2050, mas é necessário que se realize muitos projetos para que isso ocorra. Um terço do dióxido de carbono produzido é absorvido pelo oceano, que vem sendo acidificado, assim como um terço de estoques de peixe estão sendo explorados em excesso, colocando em risco sua sustentabilidade. Incríveis 13 mil pedaços de lixo plástico existem hoje por km² de oceano, onde convivem mais de 200 mil espécies conhecidas (mas devem ser milhões).

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS), que fornece a estrutura legal para a conservação e uso sustentável dos oceanos e seus recursos, faz parte do documento “O Futuro que Queremos”.

Considerando que 80% da dieta humana é proveniente da vida vegetal, e 30% do planeta é formado por florestas (15% já protegidas), onde vivem 80% das espécies, e de onde quase dois bilhões de pessoas realizam sua subsistência, milhões de hectares são perdidos anualmente das mesmas para a agricultura, gerando riscos muito grandes, tanto de desertificação e alteração de cursos de água, quanto colocando em risco diversas espécies nativas.

A paz mundial está em risco há milênios, em algumas regiões com inúmeros conflitos, de forma muito arriscada por gerações. Há conflitos armados, mas também violência sexual, criminal, tortura, exploração de seres humanos. Há milhões de pessoas que anualmente precisam se deslocar para fugir de atrocidades, há mais de 10 milhões de apátridas no planeta, a corrupção gera valores de mais de um trilhão de dólares por ano. Instituições mais responsáveis são necessárias.

A meta de cooperação financeira para o desenvolvimento está abaixo dos 147 bilhões desde o acordo (que é 0,2% da renda nacional dos países mais ricos), e crises humanitárias geradas por desastres naturais e conflitos demandam muito mais recursos. A cooperação Norte-Sul e Sul-Sul, objetivo que a Zagut vem alertando através da itinerância da exposição Sulear, são de extrema importância para o apoio aos objetivos. A perspectiva de gastos para atingir os objetivos será de aproximadamente 7 trilhões ao ano.

No ano de 2025 haverá a reunião mais importante para o futuro do planeta, a COP das Nações Unidas, em território brasileiro, em novembro em Belém do Pará. É importante que toda a sociedade brasileira e mundial se mobilize para permitir que dirigentes reflitam sobre sua responsabilidade para o futuro.

Gostaria de recomendar aos leitores um texto muito impactante e transformador de meu professor do doutorado no Instituto de Medicina Social da UERJ, que muito se orgulha de ter sido o berço do Sistema Único de Saúde, o saudoso Ruben de Araújo Mattos: “Cuidado prudente para uma vida decente”, inspirado em Boaventura de Souza Santos, com seu “Conhecimento prudente para uma vida decente”. E que me inspira no título deste texto, “Reflexão e Ação para uma Vida Decente”. As obras de arte têm o poder de tocar na alma, e podem ser um enorme aliado para a vida decente que tanto sonhamos, sem deixar ninguém para trás.

Bibliografia:

Cuidado prudente para uma vida decente. In Pinheiro, R.; Mattos, R. A. (orgs). Cuidado: fronteiras da integralidade. São Paulo: Hucitec, 2004. Disponível em: <https://lappis.org.br/site/wp-content/uploads/2017/12/livro-do-cuidado-3A-EDICAO.pdf> pag. 121.

<https://www.undp.org/pt/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>

Verão: os objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Istefânia Rubino (Doutoranda PPGAC ECO UFRJ)

Tratar a arte contemporânea na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável ou da sustentabilidade, implica em buscar linguagens estéticas que tratem da conscientização da relação ente o humano e sua própria condição perante a natureza e a necessidade de sobrevivência. Assim como o reconhecimento da capacidade ambiental de recuperar-se das ações humanas e a necessidade de práticas sustentáveis também na arte. Eu acredito que a arte (...) é uma estratégia evolutiva e adaptativa da espécie humana e de toda a espécie viva (...). Todas as coisas artísticas recorrem a algum critério artístico para poder sobreviver (VIEIRA, 2009). Nos últimos séculos, o desenvolvimento tecnológico, e das cidades com o advento da modernidade e a revolução industrial criam novas e desafiadoras relações entre ser-máquina e ser-natureza diante do ser humano. Pois são ações humanas que embora tenham buscado a evolução econômica e social, comprometeram e comprometem o legado de gerações passadas e futuras. Todas terão a premência de práticas do desenvolvimento sustentável a nível econômico, social, físico, mental, cultural e espiritual. Busca-se, portanto, recursos naturais e artificiais que não agridam o humano e o ambiental de forma inteligente e sensível a fim de projetar um futuro, onde a vivência sustentável seja real e constante a todos os seres.

Neste sentido, acredita-se de acordo com a pesquisadora Helga Corra (2017), com a proposta da ecosofia, acepção de Felix Guatarri para demarcar reflexões sobre a necessidade de proposições de liberação social diante de um panorama ecológico no qual as interações entre as esferas sociais e ambientais são majoritárias e relevantes para o desenvolvimento sustentável. Afinal, a desordem ecológica ameaça a sobrevivência humana e não humana na Terra. Portanto, acredita-se nos dezessete objetivos do Desenvolvimento Sustentável lançado pelas Nações Unidas (ONU) em 2015 e baseados nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM 2000- 2015) como um conjunto ecosófico e biopolítico de estratégias principais associadas a centenas de metas e orientações para países, empresas e sociedades diante da necessidade de reequilíbrio do ecossistema global e sobrevivência das espécies. Dentro dos objetivos para a agenda 2015-2030 da ONU, o Relatório de Desenvolvimento Sustentável 2024 permite acompanhar o desempenho dos países em cada um dos indicadores de tendências. Tal apelo surge também nos trabalhos realizados para a presente exposição, através de imagens e materiais criados e utilizados para refletir artisticamente sobre os dezessete ODS dentre eles a erradicação da pobreza em todos os aspectos e lugares (ODS 1); fome zero e agricultura sustentável (ODS 2); igualdade de

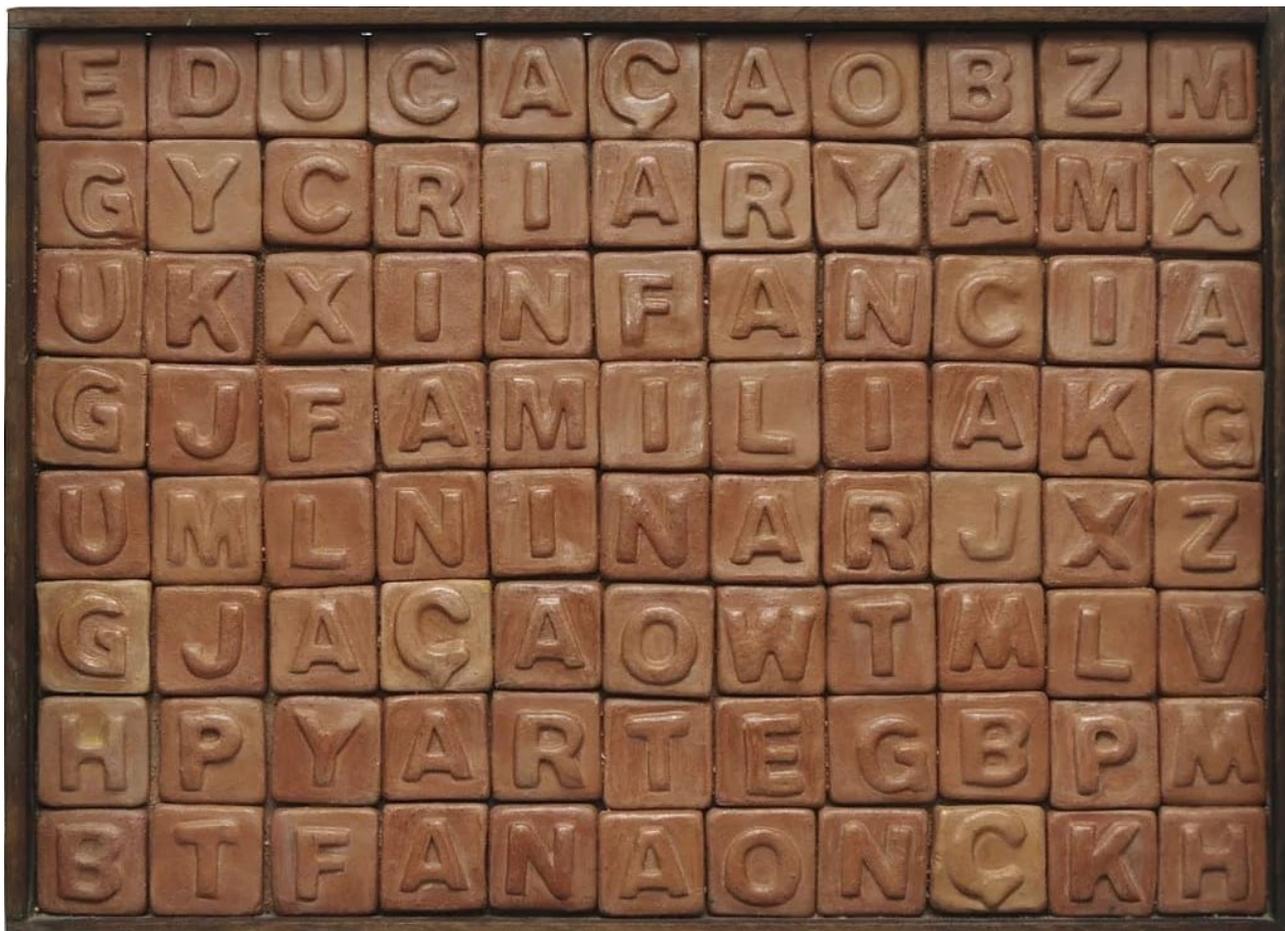
gênero (ODS 5); redução de desigualdades entre países (ODS 10); ações urgentes contra a mudança global do clima (ODS 13); paz e justiça em prol de metas entre instituições (ODS 16); implementações de metas para parcerias globais (ODS 17). Tais objetivos promovem a reflexão do desenvolvimento sustentável através da arte, associam-se diretamente com a constante missão da Zagut: a constante responsabilidade socioambiental na promoção de qualidade de vida e bem-estar presente e futuro. A arte e os artistas criam desejos, emoções, futuros imaginados, e ética sustentável enquanto aspectos de geração e conhecimento biopolítico e ecofilosófico em prol da esperança, colaboração e defesa da vida.

Bibliografia:

Arte Contemporânea [reciso eletrônico]: arte e sustentabilidade. Nara Cristina Santos (organizadora) - Santa Maria, RS. Ed. PPGART, 2021. ISBN: 978- 65 - 88403 -46-4. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2022/03/ARTE-CONTEMPORANA%CC%82NEA-ARTE-E-SUSTENTABILIDADE-interativo-ISBN-.pdf>

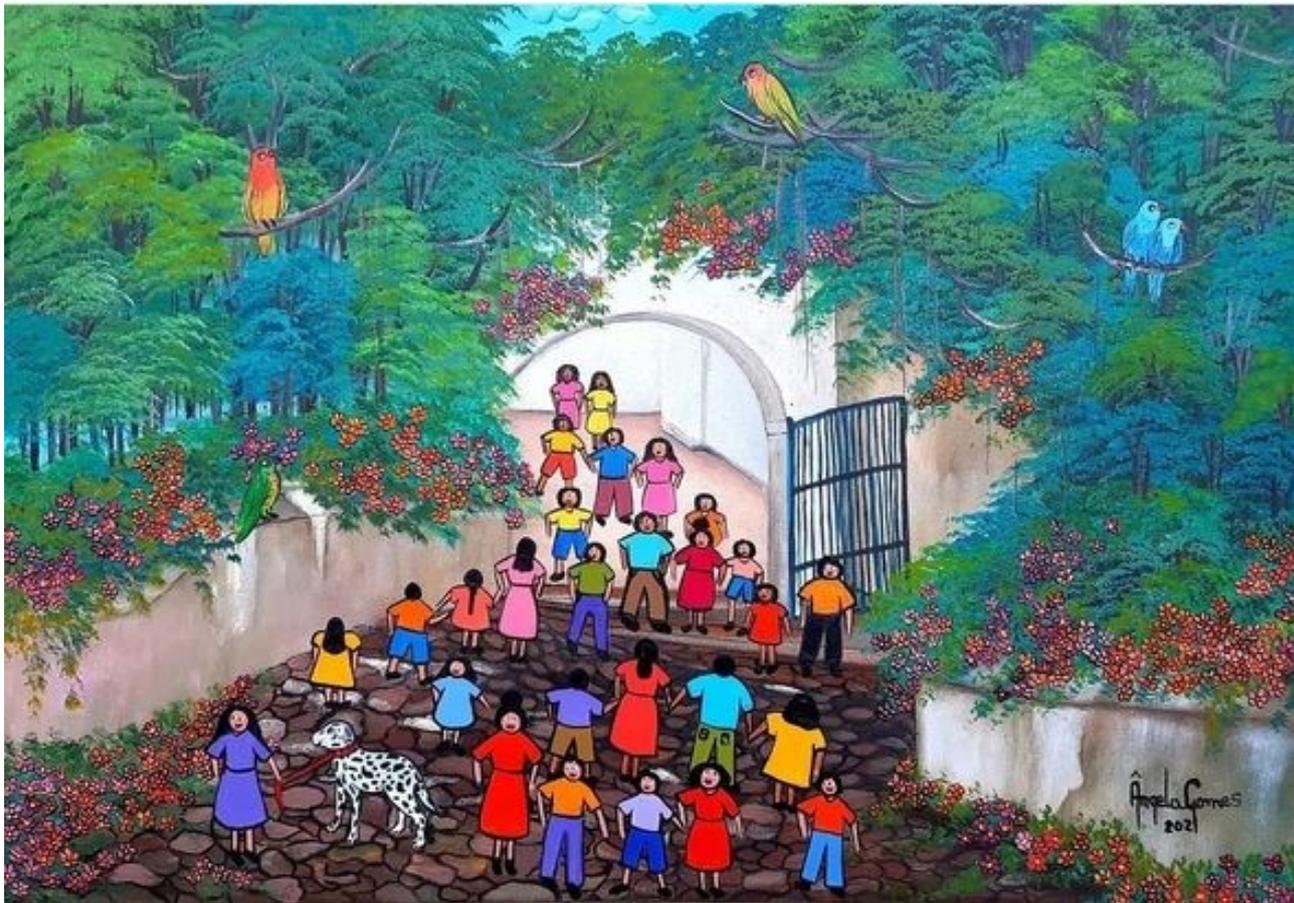
<https://www.brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Ana Ana



Cruzada; terra cota; 39 x 53 cm; 2009

Ângela Gomes



Subida do Convento da Penha pela Estrada Antiga; acrílica sobre tela; 50 x 70 cm; 2021

Augusto Herkenhoff



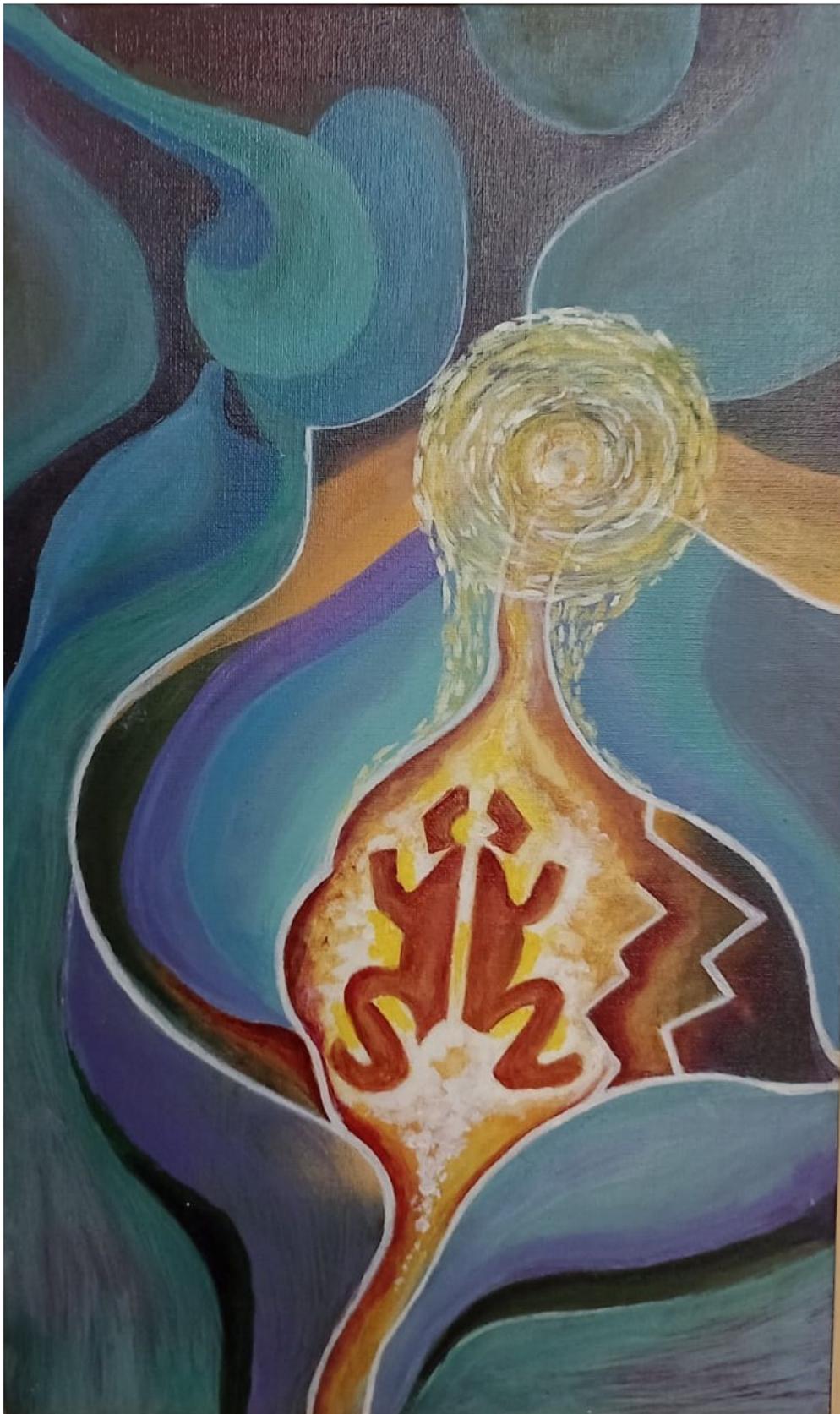
lemanjá; acrílica sobre tela; 57 x 43 cm; 2010

Deneir



Balão Pião; madeira industrial, alfinetes, plástico e alumínio reciclado; 16 x 38 x 53 cm; 2024

Fabiula de Jesus



Rumo ao microcosmo; acrílica sobre tela; 50 x 30 cm; 2023

Ilda Fuchshuber



Verão chegando; acrílica sobre tela; 30 x 20 cm; 2025

Iraceia de Oliveira



Verão Modernista; tinta pilot sobre papel plastificado; 40 x 32 cm; 2010

Maria Cecilia Leão



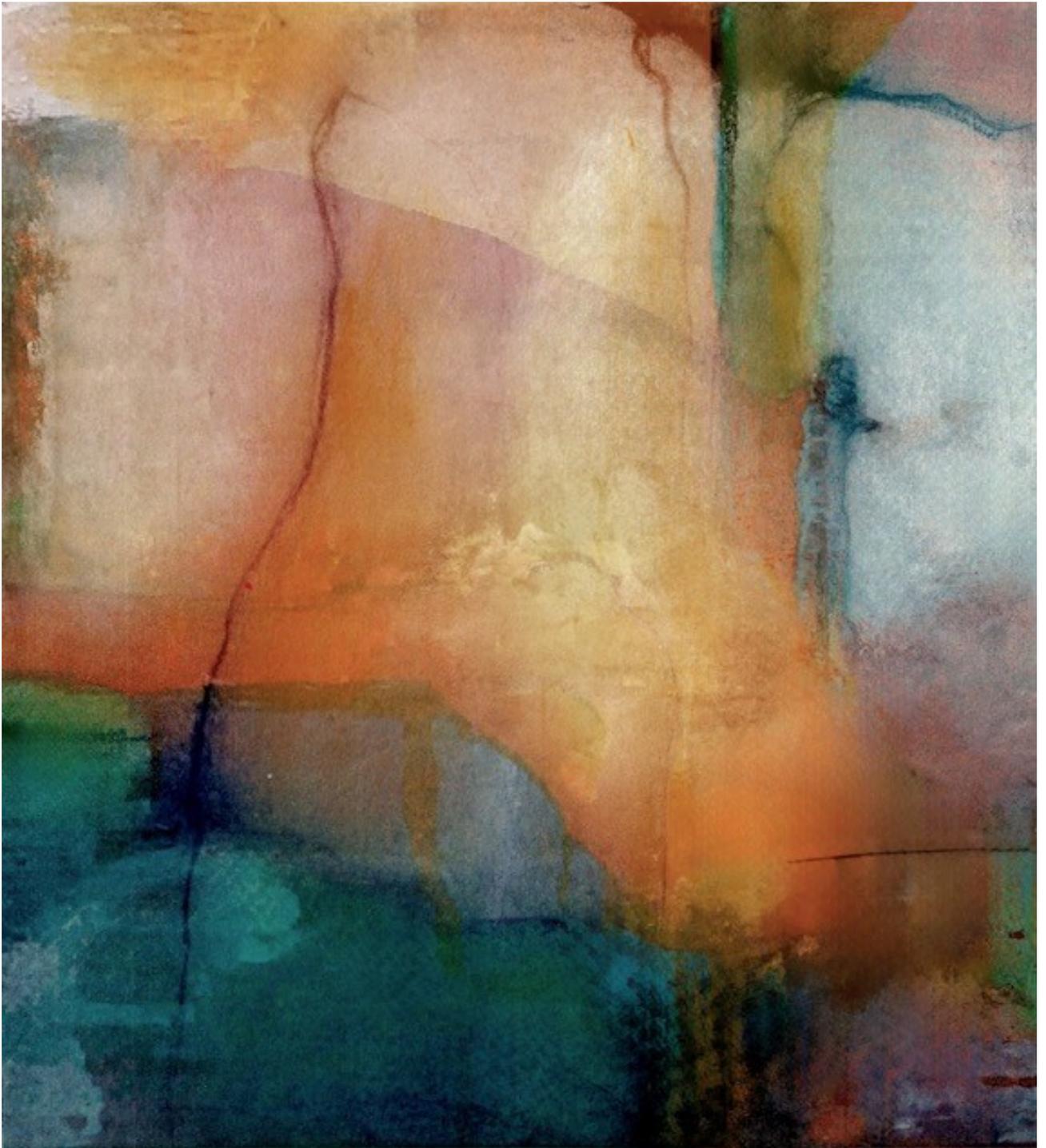
As cores do verão (autorretrato); fotografia digital impressa em Canvas; 50 x 50 cm; tiragem 1/3; 2016/2025

Pierre



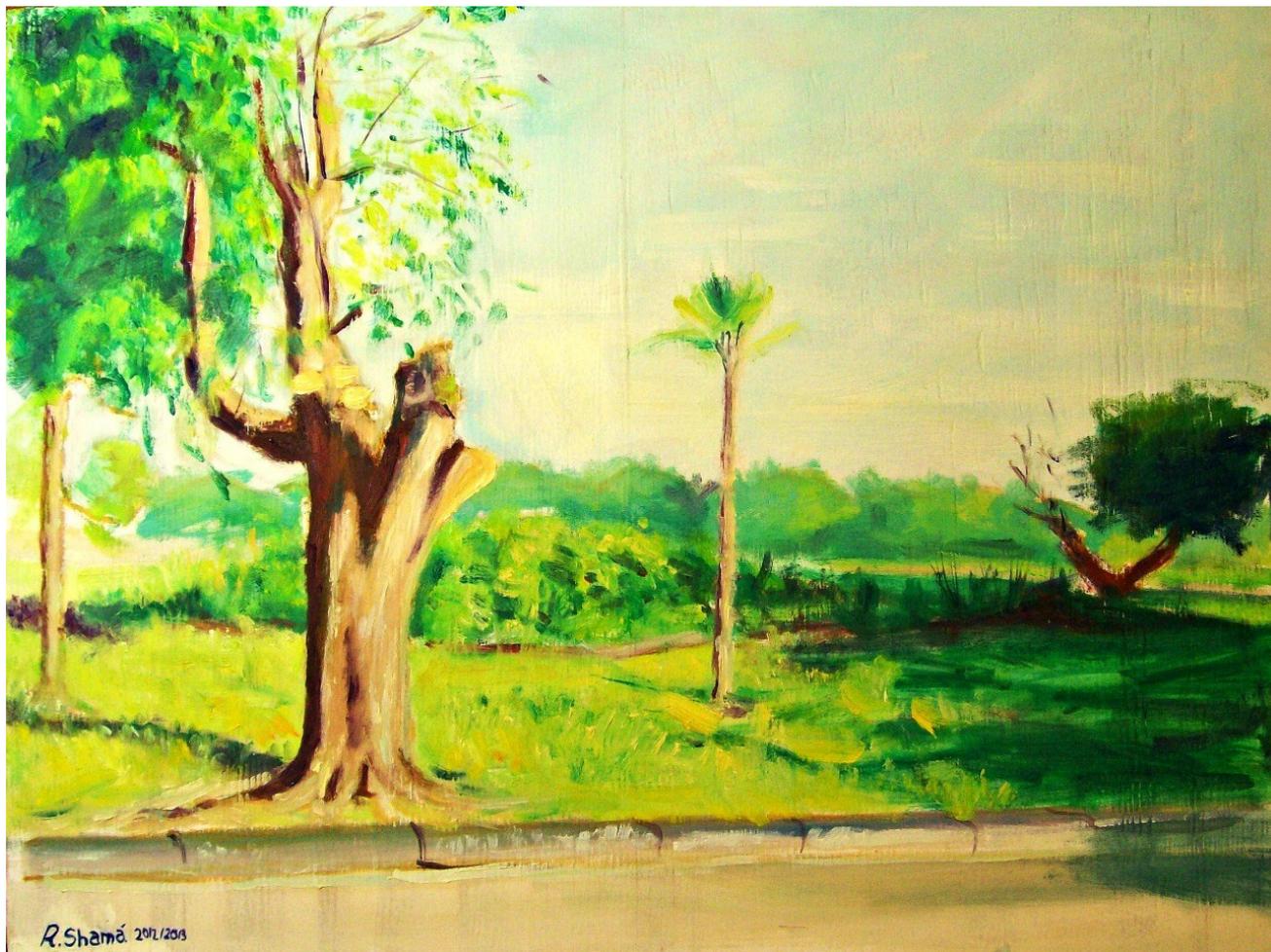
Colocando o Asfalto pra Ferver; carvão e guache sobre Canson; 60 x 40 cm; 2025

Regina Moura



Sem título; técnica mista sobre papel Canson; 32 x 36 cm; 2024

Renato Shamá



UFRJ, Fundão, reitoria; óleo s/ madeira; 53 x 40 cm; 2011

Sissi Kleuser



O pulso da terra; acrílica sobre tela; 63 x 50 cm; 2025

Sonia Rezende



Um Olhar Poético; fotografia, adesivagem no Fuan; 30 x 40 cm; 2025

